

Noticiário

Significativa homenagem ao professor Pitanga

Os discursos do prof. Saint Pastous e do homenageado

Realizou-se, na noite de 14 de Julho pp., no Hotel Carraro o anunciado banquete de despedida que as sociedades médicas e os médicos desta capital ofereceram ao professor Raul Pitanga Santos, que, depois de ter proferido uma série de brilhantes preleções científicas, regressara para o Rio de Janeiro.

A's 21 horas teve início a homenagem, com a presença de cerca de cem médicos, sendo o prof. Pitanga Santos, ao chegar ao recinto do banquete, recebido sob palmas.

Tomando assento á mesa, o homenageado ficou ladeado pelos professores Antonio Saint Pastous, Nogueira Flôres, Argemiro Dorneles, Florencio Ygartua, Ivo Corrêa Meier, Eliseu Paglioli e Raul Moreira, sendo os demais lugares ocupados por professores da Faculdade de Medicina, médicos, academicos e representantes da imprensa.

Servido o cardápio, saudou o prof. Pitanga Santos o prof. Saint Pastous, diretor da Faculdade de Medicina, que pronunciou o seguinte discurso:

“Ha cerca de vinte anos passados, ainda com a idade das ilusões mais belas da quietude anônima da vida profissional, no longínquo rincão natal eu aportava á Cidade-Luz, seduzido pelo prestígio de Vidal e de sua Escola.

Precisamente ás 11 horas de brumosa manhã do outono europeu em uma das salas do Hospital Cachin entre uma multidão de médicos, de países e de civilizações diversas, com o coração oprimido de jubilosa emoção, eu anciava por escutar, de viva voz a palavra e o ensinamento que diuturnamente costumava haurir com sofreguidão nas obras do supremo “leader” da Medicina Contemporanea.

Ao ter conhecimento de que a aula daquêlle dia versaria sobre um caso de orqui-epidimite, senti-me tomado dêsse angustioso estado de espírito que succede ou que antecede a uma ilusão que se desfaz.

Pareceu-me assunto por demais vulgar para uma preleção de Vidal e sem interesse para a presunção da minha ignorancia. Até hoje, guardo ainda o extâse dêssa lição magistral.

Mêses empós, já nos hospitais de Berlim o acaso me collocava em face do mágico bisturi do professor Bum, esculpindo no perineo de uma joven a escultural firmiação de órgãos genitais ausentes.

Em outra feita, do violino tangido pelo arco subtil de um cérebro privilegiado, ouvi todo o ritual bucólico de um casamento na roça, interpretado com a nostalgia e com a doce amargura dos que sofrem pelos desencantos da arte de curar.

A Medicina tanto tem de ciência como de arte.

Mas nem todo médico possui com o engenho da arte os talentos da sabedoria.

Widal, "leader" de uma época da história da Medicina era também príncipe da eloquência.

Bum, chefe da escola ginecológica germânica, dissecando tecidos vivos de um perineo virgem confundia-se com a própria alma da arte escultural e decorativa, de que era também exímio cultor.

A palavra que professa, o buril que cinzela, a corda de místico Stradivarius, são apenas mutações do genio humano.

"Inata é a tendência nos homens inteligentes, afirma Marañon, que vivem sujeitos ao exercício de uma profissão a compensar sua monotonia com a prática ostensiva ou o secreto cultivo de outras atividades; os novelas e os contos de Cajal são desenhos em Pasteur e fermatas de violino em Einstein; o instinto da imortalidade que alenta o fundo de todo ser humano de superior categoria, volta-se com ânsia que, sendo excelsa, perdura para sempre na memória do homem."

Como é sabido o conceito letamendiano de que o médico que só sabe medicina, não sabe nem sequer medicina.

Dia a dia, essa verdade filosófica toma maiores proporções de realidade.

Da segunda metade do século XIX até nós, a tendência de Medicina tem se orientado sob o signo de espírito analítico, compreendido e praticado por forma excessiva e obsidente. A crise econômica e a crise de cultura geraram o vício e o exagero das especializações mecanizadas.

Do conceito analítico resultou a civilização estatística, de números, de peças e de órgãos.

E' o domínio do cálculo e o peso das cifras, colhidas e amontoadas por grupos e categorias substituindo ou sobrepondo-se ao senso do raciocínio da intuição, da síntese e da cultura genérica.

E' a standardização do pensamento humano, fragmentado, dissociado, diminuído e subordinado.

Os últimos tempos, porém, assinalam um movimento em sentido contrário.

Libertando-se do predomínio absoluto da era microbiana, a Medicina retorna ao conceito hipocrático de terreno constitucional.

O substrato anatômico cede a vez ao fundamento psicológico. A concepção atomística da matéria e da própria vida reintegra os destinos da Medicina ao macrocosmo universal.

A física energética rasgou as fronteiras da matéria e da metafísica, num sentido de perfeita unidade na vida do homem e do universo.

No pensamento de Chermot, "o homem é e deve permanecer um cosmo, isto é fazer expandir em si mesmo tanto a abundância dos dons quanto a beleza da ordem. — O fim do humanismo é o homem — O humanismo é uma disciplina destinada a fazer do homem de um dia o homem de todos os tempos passados pela cultura e de todos os lugares pela civilização."

Em suma, o pensamento humano aneia pela restauração da cul-

tura filosófica na formação das élites intelectuais dentro da ciência médica.

Referindo-se ao ensino da Medicina, Delore afirma ser o conhecimento da sua história o caminho mais direto e o mais fecundo.

Em verdade, a evocação do passado e a meditação sobre as ideias e os princípios da doutrina hipocrática, o sucessivo movimento de criação de olvido e de renovação, revelam á evidência a verdadeira medida e o sentido exato da evolução e do progresso da Medicina, desde as éras pre-históricas até nossos dias.

Em nota prévia sobre a patogenia endócrino-genital da gota Maranhão confessa que os resultados de suas pesquisas e ensaios terapêuticos apenas confirmavam no século XX, aquilo que Hipócrates havia concebido ha mais de dois mil anos.

Meus senhores:

Todos nós que tivemos a fortuna de seguir, nestes dias inolvidáveis, as conferências de Protologia proferidos nos recintos da Faculdade e da Sociedade de Medicina de Pôrto Alegre, pelo eminente professor Raul Pitanga Santos, enriquecemos nossos conhecimentos nesse setor da patologia humana.

Da proficiência e dos benefícios dêssa série de lições magistrais, de modo eloquente a frequência considerável e dia a dia crescente do seletor auditorio em que se confundiam no mesmo interêsse de aprender, alunos, colegas e professores.

A' medida que, atentos e enlevados escutavamos a palavra e o conceito da sabedoria e da experiência daquêle que, incontestavelmente, creou na Medicina ascional a sua Escola protológica, foi-nos dado o ensejo grato de surpreender e de apreciar os fulgores de um espírito brilhante pela inteligência e pela cultura.

E nos foi fácil compreender que só em aparência é trivial e sem esplendor o programa da especialidade protológica.

Na difícil e nobre missão de ensinar, não basta ser sabio ou ter o domínio da ciência, mas cumpre também possuir a arte de saber transmitir a outrem o dom da própria sabedoria.

A virtude da faculdade didática é de aquisição custosa e longa, quando não inacessível mesmo a professores de rara competência.

Ser didata não consta apenas em expôr com método e com clareza o objeto de ensino.

Mas consiste também em ser bom psicólogo.

Sendo a psicologia um departamento da filosofia, e sendo a filosofia e a história as correntes eternas que conduzem pelo infinito das civilizações a verdade científica ser professor importa em possuir a cultura filosófica de que a história da humanidade é inexaurível repositório.

Ha, além disso, uma outra finalidade nos destinos do magisterio.

O chefe da Escola, o arauto de doutrina nova, os paladinos de reforma e renascenças, devem possuir a alma iluminada pela chama purificadora e imperecível da fé e do entusiasmo, do estoicismo e do amor ao próximo.

Já Hipócrates considerava o médico uma verosimilhança divina.

O pregoleiro de doutrinas médicas em terreno sáfaro é sem dúvida, um misto de magister e de apóstolo.

No domínio aparentemente árido e desinteressante da patologia anorectal, o professor Pitanga Santos encontra motivos novos e fascinantes para empolgar na vitoriosa campanha de vulgarização a projecção destacada que compete á Protologia no ensino e na terapêutica da Medicina.

A segurança do seus conhecimentos, aumentada com a experiência própria e a contribuição original de conceitos e de técnicas a eloquência tumultuante e fértil, a vibração e a veemência do raciocínio e da exposição, os preciosos recursos de rara cultura e de íntima familiaridade com a história da Medicina, de cujos ensinamentos se socorre com frequência e com oportunidade conferem ao dr. Pitanga Santos legítimas credenciais de Professor, de Chefe de Escola e de Paladino de importante especialização da ciência médica.

Assim compreendendo e assim sentindo é que todas as Instituições e Corporações médicas da Capital do Rio Grande do Sul aqui representadas pela Faculdade de Medicina, pela Sociedade de Medicina, pelo Sindicato Médico, pelas Sociedades de Cirurgia, de Oftalmologia, de Pediatria, de Ortopedia e Farmacologia, e pelo corpo docente da Faculdade de Medicina, entenderam de direito e de justiça prestar ésta modesta tomenagem de alto apreço e de cordial agradecimento ao ilustre Professor Pitanga Santos pela generosa e brilhante contribuição científica de sua breve permanencia em nosso meio, da qual o Rio Grande médico conservará indelevel e gratissima recordação.

A ORAÇÃO DO HOMENAGEADO

A seguir, agradecendo o banquete que lhe era oferecido, levantou-se o prof. Pitanga Santos, que disse:

“Meus amigos:

Apezar de esmagado pela generosidade imensa do Prof. Saint Pastous, ainda consigo, reunindo o último folego fazer um desesperado esforço para esclarecer os verdadeiros motivos d’essa festa de hoje. Não a considero de modo algum como uma homenagem, porque se assim fosse ela não teria razão de existir. Aceitei com muito prazer a lembrança de um jantar de despedida, porque era para mim uma oportunidade de confraternizar com a classe médica de Pôrto Alegre, de modo a que pudesse, rompendo o protocolo, oferecer a cada um, de despedida, não a taça de estilo, mas um pedaço do meu coração.

Ouvindo o belo discurso do professor Saint Pastous, estava recordando os meus tempos de infância, quando me contavam ao anoitecer, lindas histórias de fadas, cheias de encanto e sedução. Minha meninice indiscreta já não se iludia com as fadas, mas eu pensava sempre ao terminar o conto: Que pena, seria tão bom se fosse verdade.

Não me chega a audacia, para aceitar como uma homenagem, o gesto de vossos corações hospitaleiros e generosos, mas no íntimo, porque toda a creatura humana, erige num canto escondido de seu coração, um templo

votivo á esperança, senti quando souu a última palavra, como se fôra o relógio da gata borralheira, a saudade daquilo que eu fui nesses minutos de sonho que me proporcionou o prof. Saint Pastous, e suspirei como na minha infância: Que lindo se isso fosse verdade! Fez mal o brilhante mestre em me mostrar, no espêlho mágico de sua linguagem generosa, aquêla que eu poderia ser. Preferia guardar a felicidade tranquila de aspirar a ser apenas o que sou, simples abelha operária da nossa grande colmeia. Nesta festa de hoje, em que vejo reunidos amigos que já me são caros ao coração e de cuja amizade me orgulho, e mestres ilustres de que se orgulha a ciência nacional a palavra homenagem só teria uma significação: é aquêla, simbólica, que anualmente os grandes prestam aos pequenos na qual os chefes, em grande gala, em meio aos batalhões formados, levam suas flôres ao soldado desconhecido... Mas não vale a pena despertar do sonho. E vamos aproveitá-lo para divagar um pouco sôbre as âncias que afligem nossa profissão. E como no sonho tudo é permitido, tentemos algumas sugestões aos jovens médicos, cheios de vida e de ambição, mas talvez mal guiados pela vertigem de progresso.

A CRISE DA MEDICINA

Ouvimos todos os dias queixas e as fisionomias inquietas parecem temer o dia de amanhã... Será a crise, realmente de natureza externa? Olhemos o panorama da classe médica. A medicina vem sofrendo a influência que o rumo acelerado do progresso imprimiu a todas as cousas. O século da velocidade modificando o ritmo da vida, aproximou a arte médica da ciência pura, aperfeiçoou-lhe os meios de tratamento mas afastou o médico do doente. Despindo-lhe as vestes sacerdotais, transformou-o física e moralmente. Olhando para trás nesses últimos 20 anos, vejo uma grande diferença na medicina e nos médicos do meu tempo. Não sei si me devo alegrar, pelos progressos alcançados. Noto de fato, modificações, no cenário da medicina. O sistema reticulo-endotelial substituiu a teoria leococitaria; o aparêlho vegetativo e as glandulas de secreção interna, substituíram algumas doenças infecciosas. Os recentes trabalhos de Sicard, fazendo cessar reações inflamatórias e perturbações circulatórias mecânicas, com intervenções nos ganglios simpáticos já prenuncia uma modificação no eixo da patologia, que perdendo o respeito a anatomia patológica, já começa a flirtar a biodinâmica e a Cosmobiologia.

Será que progredimos com éstas modificações?

Com éssa ou aquêla téoria a medicina é a mesma de todos os tempos, curando os doentes do mesmo modo. Durante 15 séculos afirmou-se sôbre a fé de Hipócrates, que havia no organismo 4 humores.

Ésta téoria foi a estrela polar de 30 gerações. Todos os príncipes da medicina, Herophyxo, Galeno, Avicene, Averrhoes, com éla curaram os seus doentes! Nossa perplexidade hoje, será a de nossos netos quando citarem a teoria microbiana.

As teorias valem pelas épocas em que são criadas e os remedios não

escapam a ação valorizadora da moda: O antimonio teve seu periodo de glória.

Hoje repousa no arquivo histórico da terapêutica esperando com paciência e malícia a companhia do cálcio daqui ha alguns anos.

E' verdade que algumas doenças foram dominadas: mas outras surgiram automaticamente, para completar o prato da balança da humanidade soffredora. Venceu-se a sífilis, o paludismo, a disenteria, e a tifóide, mas surgiram a hipertensão, as cardiopatias e as doenças nervosas. Não são as teorias, nem os remedios que curam. Ambos são apenas elementos da equação. Falta a incógnita que é o médico. Através de todas as gerações, êle vem vencendo a doença, com as teorias e os remédios de cada época.

A AÇÃO DO MÉDICO

Como poderemos explicar isto? Será que o médico tem também propriedades curativas como o quinineo ou o mercúrio? Não! mas êle tem uma ação catalítica, indispensável ao successo de todo tratamento empreendido. Sob sua assistência imediata, os remedios, adquirem uma ação curativa, que não possuem longe do seu interêsse e de seus cuidados. O fato é que a sua presença á cabeceira do doente, restitue o socego a fisionomia angustiada, regularisa o pulso, dá ritmo á respiração.

Quem não conhece êsses milagres que realiza a presença do médico Quem já não sentiu os efluvios que emanam a figura respeitável do clínico, quando sentado a nossa cabeceira, êle nos conforta e nos anima. Infelizmente porém éssa figura venerável, esse misto de saber, bondade, perspicacia e dedicação, tende a desaparecer. O século actual tem os que já possue. A geração futura não os conhecerá mais.

A marcha vertiginosa do progresso não lhe permitirá lugar, no tempo e no espaço. Em seu lugar vai surgindo o técnico, mecanisado, frio e utilitário. Com a rapidez das comunicações e os progressos da ciência, o médico torna-se hoje, rapidamente, um sabio, mas nunca um sacerdote.

Êle já não precisa meditar na cabeceira do doente. Basta decom pô-lo e enviar as pegas para serem analisadas. O diagnóstico, surge depois automaticamente, na soma dos resultados recebidos. A namnese despreza sua imaginação. Êla é confiada á exatidão de aparêlhos mecânicos infalíveis. A terapêutica e a arte de formular, que constituíam o orgulho da geração passada, não entra mais nas cogitações dos doutorandos de hoje. A indústria farmacêutica encarrega-se de fornecer-lhe, já manipuladas, todas as combinações de que necessita. Aumentou-se com isso a eficiência, mas diminuiu-se o prestígio do médico.

De depositário exclusivo dos segredos da terapêutica, que tanto prestígio lhe dava perante o doente, passou, êle á simples intermediário entre o enfermo e o droguita.

Como consequência imediata, os doentes passaram a estudar as bulas farmacêuticas, e milhares dêles, fugindo aos consultórios, vão directamente ao balcão das drogarias, buscando por sua iniciativa, remedios para seus males.

RESTRINGE-SE O CAMPO DA ATIVIDADE MÉDICA

Enquanto isso o campo da atividade médica, cada vez mais restringe. A traumatologia, a muito saíu do domínio da clínica, passando a ser exercida gratuitamente pelos poderes públicos. O que resta da clínica, está sendo esfacelado. As associações de classe garantem aos seus associados serviços médicos gratuitas. Ferrovianos, bancários, marítimos, comerciários, etc. etc., já não precisam dos serviços do clínico. O que nos espera? Os governos já cogitam mesmo de transformar os médicos em funcionários do Estado. Nos Estados Unidos o presidente Roosevelt já consultou a A. M. A. sob a possibilidade de uma campanha de organização da medicina. Se isso se realizar o Estado controlará o tratamento do indivíduo doente, como já controla a higiene, a vigilância sanitaria e os acidentes do trabalho. Teremos assim uma medicina oficial, com tratamento por decreto e formulas no Código Civil. Será um bem, será um mal? Só os doentes poderão responder. A ciência pura nunca resolverá o problema da doença, consequência da luta do homem com o meio. Do homem pouco se sabe, porque só agora, experimenta os primeiros passos a ciência do homem normal, e o meio, difficilmente pôde ser modificado. Haverá sempre doenças e médicos. Apenas o médico transformado no século de velocidade, vai perdendo o seu feito humano e adquirindo a forma de máquina. E' o grande êrro da época. Êle pode adotar os progressos da mecânica e da biologia, mas não deve esquecer no tratamento do doente a contribuição importante e indispensável do coração. Sem 50% do coração o médico será sempre uma máquina de curar. Não nos iludamos. Trabalhamos nêsse rochedo de Sisifo que é o edificio da ciência. Ele nunca será terminado. Não deixemos, por isso que desapareça do nosso hábito profissional, aquêlas qualidades de carinho, interêsse e dedicação com que todos os tempos, o médico venceu a doença. Êle pôde evoluir na indumentaria e dispensar o manto e o chapéu preto, mas não pôde perder o seu feito humanitário, para tornar-se uma máquina de curar. O resultado immediato dêssa transformação é o divorcio do doente, que não conhecendo mais o seu salvador, abandona os consultórios. Os Médicos com M grande, aquêles que conservaram a mística do sacerdote, não tem dêssas aflições. Os doentes não os abandonam. E' essa para mim a explicação dessa crise de que tanto se houve falar.

Meus amigos:

E' possivel que tenha delirado muito durante êsse meu sonho.

E' melhor despertar".

O discurso do prof. Pitanga Santos foi muito aplaudido. Após, levantaram-se os presentes encerrando-se a homenagem, que constituiu uma sugestiva prova de simpatia ao illustre cientista visitante, que foi muito cumprimentado.